



CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE
LETRAMENTOS E DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

AS VONTADES DE RAQUEL – LITERATURA E CONQUISTA DE DIREITOS

Autor: Benedito Olinto da Silva

PROFLETRAS – Universidade Estadual da Paraíba - benedito_olinto@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivos propor uma leitura do romance A Bolsa Amarela de Lygia Bojunga Nunes no 8º ano do ensino fundamental na EEEF Dr Cunha Lima – Remígio/PB e fomentar algumas discussões acerca dos direitos de ser criança e mulher em nossa sociedade, pois a presença de obras literárias no ensino fundamental é algo raro, e quando há aparece, muitas vezes, como pretexto para o ensino das normas gramaticais. Para tanto fundamentamo-nos nas teorias da crítica feminista a partir das reflexões propostas por Samuel (2011) e Zolin (2009). Para a sequência de leitura do texto literário, orientamo-nos nas contribuições de Cosson (2014) acerca do letramento literário.

Palavras-chave: literatura, letramento, A bolsa amarela, crítica feminista.



AS VONTADES DE RAQUEL – LITERATURA E CONQUISTA DE DIREITOS

1. Considerações iniciais

O trabalho com o texto literário no ensino fundamental é algo raro. Na maioria das vezes que se faz presente na sala de aula, o texto literário é utilizado como meio de ensino das regras gramaticais (com resolução de exercícios de verificação de aprendizagem) ou então de avaliação de leitura oral.

A ausência da literatura na sala de aula representa a violação de um direito defendido por Antonio Cândido (2004), em sua obra *O direito à literatura*. Em sua obra, Candido defende a ideia de que a literatura é um fenômeno universal de todos os tempos e lugares, inseparável dos seres humanos.

Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou leitura corrida de um romance. (2004, p. 175)

A literatura dá ao aluno a oportunidade de ter contato com textos que possibilitam, não apenas decodificar informações, mas também a reflexão acerca da vida, contribuindo para uma espécie de humanização, ao pô-lo em contato com diversas experiências, olhares e perspectivas semelhantes e diferentes das que se acredita como verdades. Sobre isso, alertamos acerca do perigo que a literatura também pode causar a partir desse contato com as diferentes perspectivas que o texto pode apresentar. É o caso da leitura de textos que trazem personagens violentos, desumanos para leitores que ainda estão formando sua personalidade, seria então um fator de risco. Antonio Candido, afirma sobre esse processo de humanização o seguinte:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (2004, p. 182).

Se a literatura tem esse poder de fomentar reflexões, de influenciar em decisões difíceis, de equilibrar emoções, então a sala de aula precisa ser um lugar onde essa literatura tem de estar

presente diante desse seu poder transformador. Preocupa-nos agora, então, sobre como a literatura tem chegado às escolas, pois a escolarização do texto literário tem sido alvo de muitas reflexões e esse termo pode ter conotações tanto positivas quanto negativas. Positivas quando relacionadas ao poder de instrumentalizar a formação humana dos alunos e negativas referentes ao processo de minimização do texto literário aos interesses da escola, muitas vezes, deturpando-o para alcançar determinados fins. Mas, mesmo diante desses perigos, não podemos negar que a sala de aula seja um ambiente propício para o estímulo à leitura de textos literários, sejam quais forem os gêneros propostos.

Diante desse desafio da escolarização da literatura surge uma nova missão para nós professores: a de ser um leitor assíduo de textos literários também. Se o professor não é um leitor há grandes chances de não conseguir bons resultados na formação de leitores. As práticas leitoras do professor são essenciais para que ele possa influenciar seus alunos a enveredarem pelo mundo da literatura.

Mesmo sendo leitores assíduos, as leituras para o letramento literário precisam estar orientadas por determinados olhares, sejam eles de cunho teórico, crítico e/ou temático. Esse trabalho apresentará uma proposta de estudo do romance *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes considerando as contribuições da corrente da crítica feminista a partir da percepção do lugar da criança/menina que tem suas vontades negadas justamente por ser criança e mulher.

A crítica feminista começa a escrever sua trajetória a partir da segunda metade do século XX. Essa vertente da crítica literária surge em 1970 com a publicação da tese de Doutorado de Kate Millet, *Sexual politics*, ao criticar a hegemonia masculina nas práticas acadêmicas. Para Zolin,

Estudos acerca de textos literários canônicos mostram inquestionáveis correspondências entre sexo e poder: as relações de poder entre casais espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral; a esfera privada acaba sendo uma extensão da esfera pública. Ambas são construídas sobre os alicerces da política, baseados nas relações de poder. (2009, p. 217).

Percebe-se, então, que as relações entre os sexos passa a ser questionada na literatura com o intuito de interferir na ordem social de desigualdade e de sobreposição da figura patriarcal sobre as mulheres. Inicialmente a crítica literária feminista concentrou-se no papel da mulher como leitora, depois passou a focalizar a mulher escritora.

Segundo Rogel Samuel,

Estudos literários feministas abordam uma vasta ordem de problemas críticos, dentre os quais podemos citar a reconstrução da história das mulheres e de uma tradição literária feminina; a historiografia feminista; a formação do cânon; a crítica feminista das mulheres negras; a crítica das representações da mulher nas artes visuais e na literatura; as mulheres e a cultura popular; o debate sobre o determinismo biológico contra a construção social do gênero; a androginia; a cultura lésbica e a tradição; a natureza das mulheres escritoras e as condições sob as quais elas produziram seus textos; a autobiografia; as mulheres e a diferença; a questão sobre uma especificidade de uma linguagem feminina, e se existe ou não; a

subversão da linguagem patriarcal; o problema da subjetividade e da constituição da identidade de gênero; o pós-colonialismo e o imperialismo cultural; a procura de uma lógica alternativa; a possibilidade de uma epistemologia feminina. (2011, p. 185).

Percebe-se a partir do que expôs SAMUEL (2011), que os estudos literários feministas juntaram uma gama de questões que apontam para essa abordagem um olhar para a diversidade e essa é uma marca da crítica feminista. A abordagem relaciona-se a luta por direitos e envolvimento das mulheres em questões de cunho político a cerca do lugar da mulher na sociedade.

Diante do exposto, observaremos como se dá essa reflexão acerca das contribuições da crítica feminista no romance de Lygia Bojunga Nunes, *A bolsa Amarela*. Nele, Raquel, a protagonista, nos revela o mundo e as indagações de uma menina que precisa suprimir suas vontades por subverter o que se tem como modelo para uma menina e para uma criança, a ponto de querer ser outra para poder gozar do direito de fazer o que lhe dá prazer.

2. Aspectos da obra

O romance *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes trata dos conflitos de uma menina que questiona sobre algumas negações acerca de suas vontades. Essas vontades estão relacionadas às coisas simples do dia a dia: ser criança, ser menina e de poder dizer o que pensa e acredita. Raquel é a protagonista do romance. É a partir dela que conhecemos o mundo de uma menina mais nova dez anos do que seus irmãos mais velhos e da angústia de ter de esconder suas vontades porque elas não são entendidas pelos adultos de sua família. Cria-se, então, um mundo imaginário em que ela busca resolver esses questionamentos a partir da relação com outros personagens (criados por ela) com os quais dialoga durante o desenvolvimento da narrativa: o galo Afonso, o galo Terrível, a guarda-chuva, o alfinete de fralda, o carretel de linha forte e a própria bolsa amarela.

Organizado em dez capítulos, a narrativa se desenvolve a partir da angústia de Raquel ao se sentir só e oprimida. Sozinha porque a diferença de idade entre elas e seus irmãos mais velho era de uma década e oprimida porque ela não podia nem realizar as brincadeiras pelas quais tinha interesse nem escrever. As três grandes vontades que Raquel tinha era de ser menino, ser adulta e escritora. A vontade de ser adulta era justificada por causa da atenção que não era dada, talvez por que os adultos não acham que as crianças sejam capazes de grandes coisas e que deveriam apenas obedecer o que lhes era ordenado. O dilema de ser menino vai estar presente principalmente por Raquel não se conformar em ter de deixar de exercer algumas tarefas porque eram típicas do universo masculino, como podemos ver no seguinte trecho:

Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa para homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear e fica burra, todo mundo tá sempre dizendo que

vocês têm que meter a cara nos estudos, que vocês é que vão ser chefes de família, que vocês é que vão ter tudo. Até para resolver casamento – eu não te vejo – a gente fica esperando vocês decidirem. (2015, p. 16)

Essas reclamações de Raquel no fazem retomar os questionamentos levantados na década de 1970 acerca do papel da mulher na sociedade e o advento no movimento da crítica feminista na literatura. E isso se comprovará nas inquietações de Raquel ao querer também o direito de escrever suas histórias, outro tema presente nos movimentos acerca da autoria feminina. A muitas mulheres foi negado o direito de escrever, muitas delas, para poder ter um reconhecimento de que eram boas escritoras, se submetiam a utilizar nomes masculinos ou então como declara a autora dos livros sobre o bruxo *Harry Potter*, J. K. Rowling, que para ter receptividade do público a editora abreviou os primeiros nomes, assim suas obras não sofreriam recusa diante da não confirmação da autoria feminina.

Diante desses dilemas, como toda criança, Raquel começa a criar um mundo de fantasias em que suas vontades sejam possíveis de se realizar e ter quem lhe dê a devida atenção. Dentre as personagens do seu mundo de fantasia, sua conversa com o galo Afonso representa uma visão crítica de como algumas mulheres foram a longo da história se acostumando com uma figura masculina lhes dizendo o que é certo ou não, vejamos uma passagem da fala desse Galo:

- Não, foi só eu resolver lutar que eles me levaram de volta pro galinheiro. Então eu chamei as minhas quinze galinhas e pedi, por favor, pra elas me ajudarem. Expliquei que vivia muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas todas noite e dia. Mas elas falaram: “Você é o nosso dono. Você é que resolve tudo pra gente”. Sabe, Raquel, elas não botaram um ovo, não davam uma ciscadinha. Não faziam coisa nenhuma sem vir me perguntar: “Eu posso? Você deixa?” E se eu respondia: “Ora minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve como você achar melhor”, elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! Faz aquilo! Bota um ovo! Pega uma minhoca! Do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho. (2015, p. 35)

Numa sociedade onde ser criança, mulher/escritora, na maioria das vezes, é não poder decidir sobre sua própria vida, Raquel representa essa opressão com a prisão de suas vontades dentro da bolsa que ganhou de sua tia. Na bolsa cabe, até certo ponto, tudo o que ela precisa esconder por não ser aceito por sua família.

A convivência com esse mundo de fantasia e os diálogos com seus personagens, Raquel vai se resolvendo e perdendo o medo de muitas coisas. É tanto que ao final da narrativa, ela se dá conta que pode ser e fazer o que fizer, pois ser criança e ser mulher não é algo que precise ser ruim, basta lutar para garantir seu lugar. Ela já não tem mais tanta vontade de crescer nem de ser menino, agora a única vontade que lhe acompanha é a de se tornar uma escritora e poder contar as histórias que desejar.



Vejamos agora uma possibilidade de trazer essas reflexões para a sala de aula, especificamente para uma turma de 8º ano do ensino fundamental.

3. Sugestão de leitura do romance na sala de aula

Antes da escolha de qualquer metodologia que seja, o essencial é que o professor conheça realmente a obra que ele vai propor um trabalho na sala de aula. Só assim ele poderá ter claro quais são seus objetivos a serem alcançados ao propor a leitura. Ser um leitor da obra é um dos requisitos para que se tenha clareza do que vai propor, mas isso não é tudo. Ter um olhar crítico para a obra e relacioná-la com os questionamentos humanos na vida real é outro aspecto importante para que consiga desenvolver uma atividade significativa com essa leitura do texto literário.

A escolha e planejamento da metodologia para o trabalho com o texto literário que iremos propor aqui baseia-se em algumas reflexões apontadas por Rildo Cosson (2014) em sua obra *Letramento Literário – teoria e prática*. Nela, ao refletir acerca do lugar do texto literário na sala de aula e na vida dos alunos, ele descreve uma sequência de atividades para que a leitura do texto se efetive e possa cumprir seu papel de formador de leitor de texto literário, trata-se da sequência expandida. A sequência expandida propõe as seguintes etapas: Motivação, Introdução, Leitura, Interpretação, Contextualização (que pode ser temática, histórica) e expansão.

Detalharemos a seguir a proposta da sequência expandida para a leitura de *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes. Sugere-se que esse trabalho seja desenvolvido com uma turma de 8º ano do ensino fundamental e que dure em média 16 aulas.

a. Motivação

Iniciar uma conversa com a turma sobre o que temos vontade de fazer, de ser e que, por algum motivo, não lutamos para realizar. Levantar algumas indagações como: todo mundo tem essas preocupações durante a vida? Há alguém na sala que nunca tenha passado por momentos em que teve de abrir mão de algo porque lhe disseram que não era certo ou que não tinha nada a ver com seu jeito de ser?

Depois, entregar uma folha amarela, três pedaços de papel branco, uma tesoura, fita adesiva/cola. Pedir para que todos transformem o papel amarelo em uma bolsa. Depois que todos tiverem confeccionado suas bolsas, pedir para, em cada pedaço de papel branco, anotar algum desejo/vontade que tem ou já teve, mas que não conseguiu realizar/ser por algum motivo. Guardar na bolsa amarela e entregar ao professor sem identificar a quem pertence cada bolsa.

Avisar que depois, em um outro momento, iremos abrir as bolsas amarelas para pensar sobre aquelas vontades que foram guardadas ali.

b. Introdução

Avisar a turma que iremos começar a leitura de um romance de Lygia Bojunga Nunes. Explicar que essa autora é natural do Rio Grande do Sul, nasceu em 1932. Foi morar no Rio de Janeiro aos oito anos de idade, onde passou a participar de uma companhia de teatro e trabalhar em programas de TV. Junto com o marido, preocupados com as crianças carentes, criou uma escola rural denominada TOCA. Em 1972 ela publicou seu primeiro livro chamado “Os colegas”, no qual conta sobre as aventuras de cinco animais. As principais características de sua produção é mesclar realidade e fantasia para refletir sobre questões sociais. Entre suas produções, destacam-se: *Angélica* (1975), *A Bolsa Amarela* (1976), *A Casa da Madrinha* (1978) e *O Sofá Estampado* (1980).

A bolsa amarela (1976) conta a história de Raquel, uma menina que vive com sua família, a qual vive reprimindo as coisas que ela tem vontade de fazer e rindo do que ela faz. Raquel tem três vontades, a de **ser escritora**, de **ser gente grande** e de **ter nascido menino**. Vontades essas que crescem cada dia mais e a menina não sabe mais como fazer para escondê-las. Raquel cria muitas coisas: nomes, amigos imaginários e muitas histórias. Um dia ela e sua família recebem um pacote da tia Brunilda, tia essa que vive enjoando das coisas e sempre acaba mandando o que não quer mais para eles. Nunca sobra nada para Raquel, mas nesse dia foi diferente, sobrou uma bolsa amarela. Era o que faltava para ela poder esconder as suas vontades e quem sabe mais algumas coisas que ela iria encontrar...

Convidar os alunos para lerem o romance e explicar como se dará a leitura: iremos ler os dois primeiros capítulos juntos na sala de aula e depois negociaremos prazos para que a leitura do restante do romance seja feito fora da aula. Explicar que teremos alguns encontros durante o prazo de leitura para comentar questões importantes sobre a obra e aprofundar o debate sobre temas que são tratados em *A bolsa amarela*.

c. Leitura

Fazer a leitura coletiva dos dois primeiros capítulos, “As vontades” e “A bolsa amarela”, na sala de aula, sempre convidando alguns alunos para contribuírem nessas leituras. Ao terminar de ler os dois primeiros capítulos, conversar sobre a leitura já realizada para que os possam dizer se estão gostando, o que imaginam que ainda vai acontecer, o que acham da família de Raquel, o que pensam sobre ela.

Encaminhar para que os alunos continuem a leitura do romance em casa, orientando para leiam os capítulos “O galo”, “História do alfinete de fralda” e “A volta da escola” durante os cinco dias subsequentes. Depois desses cinco dias, fazer um círculo na sala para conversar sobre os capítulos que foram lidos em casa. Será um momento de comentar se estão entendendo, se algo incomodou durante as leituras, se querem reler algum trecho para entender melhor coletivamente.

INTERVALO:

O intervalo será depois da leitura da metade do romance. Nesse intervalo, levar pipoca e sucos para a sala e assistir ao filme *Valente* (2012).

A jovem princesa Merida foi criada pela mãe para ser a sucessora perfeita ao cargo de rainha, seguindo a etiqueta e os costumes do reino. Mas a garota dos cabelos rebeldes não tem a menor vocação para esta vida traçada, preferindo cavalgar pelas planícies selvagens e praticar o seu esporte favorito, o tiro ao arco. Quando uma competição é organizada contra a sua vontade, para escolher seu futuro marido, Merida decide recorrer à ajuda de uma bruxa, a quem pede que sua mãe mude. Mas quando o feitiço surte efeito, a transformação da rainha não é exatamente o que Merida imaginava... Agora caberá à jovem ajudar a sua mãe e impedir que o reino entre em guerra com os povos vizinhos.



Depois de assistir ao filme, organizar uma roda de conversa para comentar se gostaram, de que gostaram e se esse filme tem algo de comum com o livro que estamos lendo. Motivar os alunos a identificarem as semelhanças e diferenças entre o que vive a protagonista de *Valente* (2012), Merida, e Raquel de *A bolsa amarela* (1976).

Depois do intervalo:

Capítulo VI – O almoço

Fazer a leitura coletiva do capítulo “O almoço” e encaminhar para a finalização da leitura dos capítulos seguintes em até uma semana.

“Terrível vai embora”, “História de um galo de briga e de um carretel de linha forte”, “Comecei a pensar diferente”, “Na praia”.

d. Interpretação

Em círculo na sala de aula, pedir aos alunos que comentem sobre a leitura do romance: Se gostaram, por que gostaram, se se sentiram incomodados com algo durante a leitura, se concorda ou discorda das preocupações de Raquel, se alguém se identificou com algum personagem (qual e por quê?).

e. Contextualização

Sobre as vontades:

- Por que Raquel tinha vontade de ser menino? Alguma menina na sala já teve vontade de fazer algo e foi proibida de fazer por algum adulto dizer que não podia por ser “coisa de menino”? O que fez quando isso aconteceu?
- Por que Raquel cria o mundo de imaginação com diversos personagens?
- Por que Raquel queria crescer e se tornar uma adulta rápido?
- E por que ela queria tanto ser escritora? O que é ser escritora para ela?
- O que aconteceu com essas vontades de Raquel? Elas diminuiram? Aumentaram? Teve alguma que ela quis que continuasse com ela? Por quê?

f. Expansão

Resgatar as bolsas amarelas que foram confeccionadas no primeiro encontro da sequência. Sem comentar a quem pertencem. Fazer a leitura das vontades que foram guardadas nas bolsas e organizá-las na lousa. Convidar a turma a pensar sobre os motivos que fazem com que aquelas vontades não sejam realizadas e precisem ser aprisionadas.

Convidar a turma a transformar aquelas vontades em pequenos poemas que convidem as pessoas a se livrarem de preconceitos e a realizarem suas vontades segundo suas consciências. Publicar os poemas produzidos na *fanpage* Além dos Muros (<https://www.facebook.com/PlataformaCitrum/>)

4. Considerações finais

Espera-se com esse trabalho garantir um lugar para o texto literário no ensino fundamental, que quando está presente não é estudado pelo viés da arte literária, mas sim como pretexto para tratar de temas e conteúdos gramaticais. A proposta aqui apresentada é apenas uma possibilidade de trabalhar com esse romance tão rico de imagens e reflexões acerca do lugar da criança e da mulher em nossa sociedade.

Ao criar um mundo paralelo, Raquel grita pelo direito de ser que a muitos é calado. Esse entrar no mundo imaginário proposto pela protagonista do romance A bolsa amarela nos proporciona um olhar de um lugar pouco percebido e valorizado: o lugar da criança na família. Raquel nos ensina que podemos ser quem quisermos, basta lutar por isso e acreditar.



5. Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antônio. *O direito à Literatura*. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SAMUEL, Rogel. *Novo manual de teoria literária*. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

NUNES, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. 35. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2015.

ZOLIN, Lúcia Osana. *A crítica feminista*. In: Teoria literária – abordagens históricas e tendências contemporâneas. [Orgs] Thomas Bonnici & Lucia Osana Zolin. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.